

*Um Sedutor
sem Coração*

OS RAVENELS

LISA KLEYPAS



ARQUEIRO



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

*Para minha sensacional e talentosa editora,
Carrie Feron – obrigada por tornar meus sonhos realidade!*

Sempre com amor,

L.K.

O controle de Devon começava a ruir, fio a fio, no silêncio carregado de eletricidade

Ele se viu inclinando-se para a frente, até Kathleen ser forçada a se apoiar na escrivaninha e se agarrar aos braços dele para se equilibrar. Ele esperou que ela protestasse.

Mas Kathleen o encarou como se estivesse hipnotizada, ofegante. Ela começou a apertar e soltar os braços dele, como um gato faz com as patas. Devon percebeu que ela estava atordoada, tamanha a força da atração indesejada que sentia por ele.

Mal consciente de que estava cheio de desejo, já no limite do autocontrole, ele se forçou a endireitar o corpo e tirar as mãos da escrivaninha. Então, começou a se afastar, mas Kathleen o acompanhou, ainda segurando seus braços, o olhar ligeiramente desfocado. *Deus...* era assim que deveria ser, o corpo dela seguindo o dele sem esforço, enquanto ele se erguia e a preenchia.

Cada batida de seu coração o aproximava mais dela.

CAPÍTULO 1

Hampshire, Inglaterra

Agosto de 1875

— **P**or que diabo a minha vida deve ser arruinada? – questionou Devon Ravenel, carrancudo. – Só porque um primo de quem nunca gostei caiu do cavalo?

– Theo não caiu, exatamente – corrigiu Weston, irmão mais novo de Devon. – Ele foi jogado do cavalo.

– Obviamente o cavalo o achou tão insuportável quanto eu o achava. – Devon andava de um lado para outro na sala de visitas, em passadas curtas e inquietas. – Se Theo já não estivesse com o maldito pescoço quebrado, eu mesmo teria prazer em fazer isso.

West relanceou um olhar ao mesmo tempo impressionado e divertido para o irmão.

– Como consegue reclamar quando acabou de herdar um condado que compreende uma propriedade em Hampshire, terras em Norfolk, uma casa em Londres...

– Mas não posso dispor de nada disso, pois estão todas em morgadio. Perdoe a minha falta de entusiasmo por terras e propriedades que nunca serão de fato minhas e que não posso vender.

– Você talvez consiga romper o morgadio, dependendo de como foi estabelecido. Se conseguir, poderá vender tudo e terminar com essa história.

– Que Deus permita. – Devon olhou para uma mancha de mofo no canto com uma expressão de nojo. – Ninguém com o mínimo de bom senso vai esperar que eu more aqui. O lugar está desmoronando.

Aquela era a primeira vez que os irmãos colocavam os pés no Priorado Eversby, a antiga propriedade de família construída sobre o que restara de um monastério e de uma igreja. Embora Devon tivesse recebido o título de nobreza logo depois da morte do primo, três meses antes, ele esperara o máximo possível, até deparar com a montanha de problemas que encarava naquele momento.

Até ali, ele só vira aquele cômodo e o saguão de entrada. As duas áreas, que mais deveriam impressionar os visitantes, tinham os tapetes desgastados, a mobília em mau estado, o reboco da parede rachado e escurecido. Nada daquilo gerava boas expectativas sobre o resto da casa.

– Precisa de uma reforma – admitiu West.

– Precisa ser demolida.

– Não está tão ruim assim... – West se interrompeu com um urro quando seu pé afundou no tapete. Ele recuou e observou no chão uma depressão do tamanho de uma tigela. – Que diabo...?

Devon se abaixou e levantou o canto do tapete, revelando um buraco na madeira apodrecida do piso. Balançou a cabeça, colocou o tapete de volta no lugar e foi até uma janela com painéis de vidro facetado. A moldura estava corroída, as dobradiças e os encaixes, enferrujados.

– Por que isso não foi consertado? – perguntou West.

– Por falta de dinheiro, é óbvio.

– Mas como isso é possível? A propriedade tem mais de 8 mil hectares. Todos aqueles arrendatários, os rendimentos anuais...

– Fazendas já não são mais lucrativas.

– Nem em Hampshire?

Devon lançou um olhar sombrio para o irmão antes de voltar a atenção para a paisagem do lado de fora da casa.

– Em qualquer lugar.

O cenário da região era verde e bucólico, caprichosamente dividido por sebes floridas. No entanto, em algum lugar além do alegre amontoado de chalés com teto de palha, das faixas de cultivo bem demarcadas e do bosque muito antigo, milhares de quilômetros de trilhos de aço estavam sendo instalados para a invasão dos motores de locomotivas e vagões. Por toda a Inglaterra surgiam novas fábricas e cidades ao redor desses trilhos, mais rápido que flores na primavera. Por pura má sorte, Devon herdara um título justo no momento em que uma onda de industrialização varria as tradições aristocráticas e os modos de vida da elite.

– Como você sabe? – perguntou o irmão.

– *Todo mundo* sabe, West. Os preços dos grãos desabaram. Quando foi a última vez que você leu o *Times*? Não presta atenção nas conversas que ouve no clube ou nas tabernas?

– Não quando o assunto é agricultura – foi a resposta sucinta de West. Ele

se jogou em uma cadeira e esfregou as têmporas. – Não gosto disso. Achei que havíamos concordado em nunca levarmos assunto algum muito a sério.

– Estou tentando. Mas a morte e a pobreza têm seu modo de fazer tudo parecer bem pouco divertido. – Devon apoiou a cabeça no vidro da janela e continuou, irritado: – Sempre vivi com conforto, sem precisar me dedicar a um único dia de trabalho honesto. Agora tenho *responsabilidades*.

Ele pronunciou a última palavra como se fosse uma obscenidade.

– Vou ajudá-lo a pensar em maneiras de evitá-las.

West procurou no casaco e pegou uma garrafinha prateada no bolso interno. Ele a abriu e tomou um longo gole.

Devon arqueou as sobrancelhas.

– Não é um pouco cedo para isso? Na hora do almoço, você já estará bêbado.

– Sim, mas isso não vai acontecer se eu não começar agora.

West voltou a erguer a garrafinha.

Os hábitos de autoindulgência, refletiu Devon com preocupação, estavam começando a cobrar um preço ao seu irmão mais novo. West era um homem alto e belo, de 24 anos, com uma inteligência aguda que ele preferia usar o mínimo possível. Ao longo do ano anterior, o excesso de bebidas alcoólicas fortes tinha dado um contorno arredondado ao rosto de West e engrossado seu pescoço e sua cintura. Embora fizesse questão de nunca interferir na vida do irmão, Devon ainda se perguntava se deveria mencionar aquele inchaço. Não, West apenas ficaria ressentido pelo conselho não solicitado.

Depois de devolver a garrafinha ao bolso do casaco, West uniu as pontas dos dedos, formando uma pirâmide, e olhou para Devon por cima deles.

– Você precisa acumular capital e providenciar um herdeiro. Uma esposa rica resolveria os dois problemas.

Devon ficou pálido.

– Você sabe que eu nunca me casarei.

Ele compreendia as próprias limitações: não nascera para ser marido nem pai. A ideia de repetir a farsa da infância que tivera, agora no papel do pai cruel e indiferente, o deixava arrepiado.

– Quando eu morrer – continuou Devon –, você será o próximo na linha de sucessão.

– Acredita mesmo que vou viver mais do que você? – perguntou West.

– Com todos os meus vícios?

– Tenho tantos quanto você.

– Sim, mas trato os meus com muito mais entusiasmo.

Devon não conseguiu conter uma risada amarga.

Ninguém teria previsto que os dois irmãos seriam os últimos de uma linhagem que havia começado na Conquista Normanda da Inglaterra. Infelizmente, os Ravenels sempre foram muito ardentes e impulsivos. Cediam a todas as tentações, se permitiam todos os pecados e zombavam de todas as virtudes. Como resultado, tinham tendência a morrer mais rápido do que conseguiam se reproduzir.

E agora restavam apenas dois deles.

Embora Devon e West fossem bem-nascidos, nunca haviam feito parte da nobreza, uma ordem tão purista que os níveis mais elevados eram impenetráveis até mesmo para as altas classes. Devon sabia muito pouco das complexas regras e rituais que distinguiram os aristocratas das massas de plebeus, mas tinha conhecimento de que a propriedade de Eversby não era uma sorte inesperada, e sim uma armadilha. Um lugar que não gerava mais renda. Um lugar que devoraria o modesto rendimento anual do fundo fiduciário de Devon, que o destruiria e então faria o mesmo com o do irmão.

– Vamos deixar a linhagem dos Ravenels chegar ao fim – sugeriu Devon.

– Nosso lote é e sempre foi péssimo. Quem vai se importar se o condado for extinto?

– Os criados e arrendatários podem não gostar de perder sua renda e suas casas – comentou West, com ironia.

– Que todos se enforcem. Vou lhe dizer como proceder: primeiro, vou mandar a viúva e as irmãs de Theo fazerem as malas. Elas não têm utilidade alguma para mim.

– Devon... – começou West, parecendo desconfortável.

– Depois, encontrarei uma forma de romper o morgadio, dividirei toda a propriedade e venderei por partes. Se isso não for possível, tirarei tudo de valor que há na casa, para, em seguida, colocá-la abaixo e vender os escombros...

– *Devon.* – West indicou a porta, onde estava parada uma mulher pequena e esguia, com um véu preto cobrindo o rosto.

A viúva de Theo.

Era filha de lorde Carbery, um nobre irlandês proprietário de um ha-

ras em Glengarrif. A jovem estava casada havia apenas três dias quando o marido morreu. Uma tragédia daquelas na sequência de um evento geralmente tão feliz devia ter sido um choque brutal. Como um dos últimos poucos membros de uma família que só diminuía, Devon supôs que deveria ter mandado uma carta de condolências à época do acidente, três meses antes. Mas, por algum motivo, a ideia acabou nunca se traduzindo em ação... ficou apenas na mente dele, como um fio solto na lapela de um casaco.

Talvez Devon tivesse se forçado a mandar os pêsames se não desprezasse tanto o primo. A vida favorecera Theo de várias maneiras, dotando-o de saúde, privilégios e boa aparência, mas, em vez de ser grato pela sorte, Theo sempre fora presunçoso e arrogante. Um tirano. E, como Devon nunca deixava passar um insulto ou uma provocação, acabava brigando com Theo sempre que o encontrava. Estaria mentindo se dissesse que lamentava nunca mais ver o primo.

Quanto à viúva de Theo, ela não precisava ser simpática. Era jovem, não tinha filhos e a viuvez a deixara financeiramente bem, então seria fácil se casar de novo. Embora tivesse fama de ser uma beldade, era impossível julgar se isso procedia, já que o pesado véu preto fazia parecer que ela estava atrás de um nevoeiro. Uma coisa era certa: depois do que acabara de ouvir, a mulher devia achar Devon desprezível.

Ele não se importava nem um pouco com isso.

Devon e West se inclinaram em uma mesura, e a viúva respondeu com meras formalidades:

– Seja bem-vindo, milorde. E Sr. Ravenel. Vou providenciar o mais rápido possível um inventário de tudo o que há na casa, assim o senhor poderá pilhar e saquear de forma organizada.

A voz dela era refinada, as sílabas pronunciadas com frieza, demonstrando o desprezo que sentia.

Devon ficou em alerta quando ela penetrou na sala. A viúva era esguia demais para o gosto dele, parecia esquelética sob o peso das roupas de luto, mas havia algo instigante no movimento controlado dela, uma inconstância sutil contida na rigidez.

– Meus sentimentos por sua perda – disse ele.

– Meus parabéns pelo seu ganho.

Devon franziu o cenho.

– Eu lhe garanto que nunca desejei o título de seu marido.

– É verdade – confirmou West. – Ele reclamou disso durante todo o caminho, de Londres até aqui.

Devon lançou um olhar fulminante para o irmão.

– O mordomo, Sims, estará à disposição para lhe mostrar a casa e o terreno quando o senhor desejar – avisou a viúva. – Já que não tenho utilidade, como o senhor declarou, vou me recolher aos meus aposentos e começar a fazer as malas.

– Lady Trenear – falou Devon, em tom seco –, parece que começamos com o pé esquerdo. Peço perdão se a ofendi.

– Não é necessário se desculpar, milorde. Esse tipo de comentário é exatamente o que eu esperava do senhor. – Ela continuou antes que Devon pudesse retrucar: – Posso lhe perguntar quanto tempo pretende permanecer no Priorado Eversby?

– Duas noites, espero. No jantar, talvez possamos discutir...

– Sinto muito, mas minhas cunhadas e eu não poderemos jantar com o senhor. Estamos muito abatidas pelo luto e vamos fazer nossa refeição separadamente.

– Condessa...

Ela o ignorou e deixou a sala sem dizer mais nada, nem sequer uma cortesia.

Surpreso e indignado, Devon ficou encarando o portal vazio com os olhos semicerrados. Mulheres *nunca* o tratavam com tanto desdém. Ele sentiu que estava prestes a perder o controle. Como aquela mulher o acusava pela situação quando ele não tivera escolha em nada daquilo?

– O que eu fiz para merecer isso? – quis saber Devon.

West torceu os lábios.

– Além de dizer que a expulsaria e destruiria a casa dela?

– Eu pedi desculpas!

– Nunca peça desculpas a uma mulher. Isso só confirma que você está errado e a deixa ainda mais irritada.

Devon preferiria ser amaldiçoado a tolerar a insolência de uma mulher que deveria estar se oferecendo para ajudá-lo, em vez de disparando insultos. Viúva ou não, ela aprenderia uma lição muito necessária.

– Vou falar com ela – disse Devon, soturno.

West apoiou os pés no pufe acolchoado, espreguiçou-se e ajeitou uma almofada embaixo da cabeça.

– Acorde-me quando tudo isso tiver terminado.

Devon deixou a sala de visitas e foi a passos largos atrás da viúva. Vislumbrou-a no fim do corredor, o vestido e o véu ondulando conforme ela se movia rapidamente, como um navio-pirata com as velas ao vento.

– Espere! – chamou Devon. – Não tive a intenção de dizer aquilo.

– O senhor teve a intenção, *sim*. – Ela parou e se virou para encará-lo, em um movimento abrupto. – Pretende destruir a propriedade e o legado da sua família, tudo para atender aos seus propósitos egoístas.

Ele parou diante dela, os punhos cerrados.

– Veja bem – começou Devon friamente –, o máximo que já precisei administrar na vida foi um apartamento, uma cozinheira, um valete e um cavalo. Agora, querem que eu tome conta de uma propriedade falida com mais de duas centenas de arrendatários. Acredito que isso merece certa consideração. E até mesmo alguma compaixão.

– Coitado do senhor. Deve ser muito desafiador, além de inconveniente, ter que pensar em outra pessoa além de si próprio.

E com essa última tirada ela fez menção de ir embora. No entanto, parou perto de um nicho em arco na parede, feito para expor esculturas e objetos de arte sobre pedestais.

Agora Devon a tinha a sua mercê. Com cautela, ele apoiou as mãos uma em cada lado do nicho, bloqueando o caminho. Ouviu quando ela prendeu a respiração e – embora não sentisse orgulho disso – sentiu uma onda de satisfação por tê-la irritado.

– Deixe-me passar – pediu a viúva.

Devon não se moveu, mantendo-a encurralada.

– Primeiro, diga-me seu nome.

– Por quê? Eu jamais lhe daria permissão para usá-lo.

Exasperado, ele examinou a forma coberta pelo véu.

– Já lhe ocorreu que, se cooperarmos um com o outro, temos mais a ganhar do que se mantivermos essa hostilidade?

– Acabei de perder meu marido e minha casa. O que exatamente tenho a ganhar, milorde?

– Talvez a senhora deva descobrir antes de decidir fazer de mim um inimigo.

– O senhor já era o inimigo antes mesmo de colocar os pés aqui.

Devon tentou vê-la através do véu.

– Precisa mesmo usar essa coisa péssima cobrindo a cabeça? – perguntou ele, irritado. – Sinto como se estivesse conversando com um abajur.

– Isso é chamado de véu de luto, e, sim, devo usá-lo na presença de visitas.

– Não sou uma visita, sou seu primo.

– Não do meu sangue.

Enquanto a contemplava, Devon sentiu a raiva começar a ceder. Como ela era pequena... frágil e agitada como um pardal. Ele assumiu um tom mais gentil.

– Vamos, não seja teimosa. Não há necessidade de usar o véu perto de mim, a menos que esteja de fato chorando de luto, e nesse caso eu insistiria para que o colocasse de volta logo. Não suporto ver uma mulher chorando.

– Porque no fundo tem o coração mole? – perguntou ela com sarcasmo.

Uma lembrança distante o invadiu, algo em que Devon não se permitira pensar em anos. Ele tentou afastá-la, mas sua mente teimou em se apegar à imagem de si mesmo quando menino, aos 5 ou 6 anos, sentado diante da porta fechada do quarto de vestir da mãe, nervoso com o som de choro que vinha do outro lado. Devon não sabia o que a fizera chorar, mas sem dúvida tinha a ver com um dos casos amorosos fracassados dela, que haviam sido muitos. A mãe dele fora uma beldade conhecida que não raro se apaixonava e se desapaixou em uma única noite. O pai, exausto dos caprichos dela e atormentado pelos próprios fantasmas, raramente ficava em casa. Devon se lembrava da sensação de impotência sufocante ao ouvi-la soluçar sem poder tocá-la. Ele começou, então, a empurrar lenços por baixo da porta, implorando para que ela a abrisse, perguntando sem parar qual era o problema.

– Dev, você é um amor... – disse ela, entre fungadas. – Todos os meninos pequenos são. Mas vocês crescem e se tornam egoístas e cruéis. Vocês nasceram para partir o coração das mulheres.

– Nunca farei isso, mamãe! – gritou Devon, alarmado. – Prometo.

Ele ouvira, então, um som que era um misto de risada com soluço, como se ele houvesse dito uma tolice.

– É claro que fará, meu bem. Fará sem sequer se dar conta.

A cena se repetiu em outras ocasiões, mas era daquela que Devon se lembrava com mais clareza.

No fim, a mãe estava certa. Afinal, muitas vezes foi acusado de partir o coração de mulheres. Mas sempre deixou claro que não tinha a menor intenção de se casar. Mesmo que se apaixonasse, jamais faria uma promessa dessas a

uma mulher. Não havia razão para isso, já que qualquer promessa podia ser quebrada. Como já testemunhara a dor que as pessoas podem infligir a quem amam, não tinha o menor desejo de fazer o mesmo com ninguém.

A atenção de Devon se voltou novamente para a mulher à sua frente.

– Não, eu não tenho o coração mole – respondeu. – Na minha opinião, as lágrimas de uma mulher são manipuladoras e, pior, nada atraentes.

– O senhor é o homem mais vil que já conheci – acusou ela com determinação.

Devon achou divertido o modo como ela pronunciou cada palavra, como se as estivesse atirando com um arco.

– Quantos homens já conheceu?

– O bastante para saber quando estou diante de um patife.

– Duvido que consiga ver muita coisa através desse véu. – Ele estendeu o dedo até tocar a bainha do crepe preto. – Não é possível que goste de usar isso.

– Na verdade, gosto.

– Porque esconde seu rosto quando chora.

Foi mais uma afirmação do que uma pergunta.

– Nunca choro.

Devon foi pego de surpresa e se perguntou se havia escutado direito.

– Quer dizer que não chora desde o acidente de seu marido?

– Nem mesmo quando eu soube do ocorrido.

Que tipo de mulher diria uma coisa dessas, mesmo se fosse verdade? Devon segurou a frente do véu e começou a levantá-lo.

– Fique parada. – Ele empurrou várias camadas de crepe para cima da pequena tiara que o mantinha no lugar. – Não, não se afaste. Nós dois vamos ficar cara a cara e tentar ter uma conversa civilizada. Santo Deus, a senhora poderia equipar um navio mercante com todo esse...

Devon se interrompeu quando enfim viu o rosto dela. E se pegou encarando um par de olhos cor de âmbar, que se erguiam de leve nos cantos, como os de um gato. Por um momento, ele não conseguiu respirar nem pensar, pois todos os seus sentidos se esforçavam para absorver a visão da mulher à sua frente.

Nunca vira nada como ela.

A viúva de Theo era mais jovem do que ele imaginara, com pele clara e cabelos castanho-avermelhados que pareciam pesados demais para os grampos que os sustentavam. As maçãs do rosto eram pronunciadas e,

combinadas com o queixo estreito, davam uma triangularidade felina às feições. Os lábios eram tão carnudos que mesmo quando ela os fechava com força, como fazia no momento, ainda pareciam macios. Embora não fosse uma beleza convencional, era tão original que tornava irrelevante qualquer debate sobre beleza.

O vestido de luto era justo do pescoço aos quadris, quando então se abria em uma série de pregas complexas. Restava a um homem apenas imaginar o corpo guardado sob tantos tecidos, dobras e costuras intrincadas. Até os pulsos e as mãos estavam obscurecidos por luvas negras. Além do rosto, a única parte visível da pele da viúva era o pescoço, no ponto em que a frente da gola alta se abria em U. Devon percebia movimentos mínimos quando ela engolia. Parecia muito macio aquele lugar privado do corpo dela, onde um homem pousaria os lábios e sentiria o ritmo de sua pulsação.

Era por ali que Devon queria começar, beijando o pescoço dela, enquanto a despiria como se ela fosse um presente embrulhado de forma complexa, até que estivesse arquejando e se contorcendo embaixo dele. Se fosse qualquer outra mulher e se as circunstâncias fossem diferentes, Devon a teria seduzido na mesma hora. Quando se deu conta de que não adiantaria nada ficar parado ali, arquejando como uma truta fora da água, ele revirou a mente ardente e desordenada em busca de algum comentário convencional e coerente que pudesse fazer.

Para sua surpresa, foi ela quem quebrou o silêncio.

– Meu nome é Kathleen.

Um nome irlandês.

– Por que não tem sotaque?

– Fui mandada para a Inglaterra quando criança, para morar com amigos da minha família, em Leominster.

– Por quê?

Ela franziu as sobrancelhas.

– Meus pais estavam sempre ocupados com os cavalos. Passavam vários meses do ano no Egito, onde compravam puros-sangues árabes para criar. Eu era... uma inconveniência. Um casal de amigos deles, lorde e lady Berwick, que também eram criadores de cavalos, se ofereceu para me receber e me criar junto com suas duas filhas.

– Seus pais ainda moram na Irlanda?

– Minha mãe faleceu, mas meu pai ainda vive lá. – O olhar dela ficou

distante, os pensamentos perdidos em algum lugar. – Ele me mandou Asad como presente de casamento.

– Asad... – repetiu Devon, sem entender.

Kathleen voltou a se concentrar no rapaz, parecendo perturbada, o rubor colorindo sua pele do pescoço à cabeça.

Então Devon compreendeu.

– O cavalo que atirou Theo longe – disse baixinho.

– Não foi culpa de Asad. Ele foi tão mal treinado que meu pai o comprou de volta do homem que o havia adquirido.

– Por que lhe deram um cavalo problemático?

– Lorde Berwick permitia que eu o ajudasse a treinar os potros.

Devon deixou o olhar correr lentamente pelo corpo esguio dela.

– Você não é maior do que um pardal.

– Não é necessário usar força bruta para treinar um cavalo árabe. Eles são sensíveis, precisam apenas de compreensão e habilidade.

Duas coisas que Theo jamais tivera. O primo fora muito estúpido de arriscar o pescoço e, junto, a vida de um animal valioso.

– Theo foi descuidado? – Devon não conseguiu segurar a pergunta. – Estava tentando se exhibir?

Um relance de frieza surgiu nos olhos luminosos de Kathleen, mas se extinguiu rápido.

– Ele estava de mau humor. Não havia como dissuadi-lo.

Típico de um Ravenel.

Se alguém ousasse contradizer Theo ou recusar qualquer coisa a ele, era o bastante para provocar uma explosão. Talvez Kathleen tivesse imaginado que conseguiria lidar com ele, ou que o tempo iria acalmá-lo. Ela não teria como saber que o temperamento de um Ravenel era mais forte do que qualquer senso de autopreservação. Devon gostaria de poder se considerar acima desse tipo de coisa, mas sucumbira mais de uma vez no passado, atirando-se de cabeça no poço vulcânico da fúria mais intensa. A sensação era sempre gloriosa até o momento de encarar as consequências.

Kathleen cruzou os braços, cada pequena mão coberta pela luva preta segurando firme o cotovelo oposto.

– Algumas pessoas disseram que eu deveria ter sacrificado Asad depois do acidente, mas seria uma crueldade, e um erro, punir o animal por algo que não foi culpa dele.

– Já considerou a possibilidade de vendê-lo?

– Eu não gostaria. E, mesmo se quisesse fazer isso, teria que adestrá-lo primeiro.

Devon achava que não seria uma boa ideia permitir que Kathleen sequer chegasse perto do cavalo que acabara de matar o marido dela, mesmo que de forma inadvertida. Além disso, ela provavelmente não ficaria no Priorado Eversby por tempo suficiente para alcançar qualquer progresso com o puro-sangue árabe.

No entanto, aquele não era o momento para argumentar.

– Eu gostaria de ver o terreno – falou Devon. – A senhora me acompanharia?

Kathleen recuou um passo. Parecia perturbada.

– Vou pedir ao jardineiro-chefe que o faça.

– Preferiria que fosse a senhora. – Devon fez uma pausa antes de perguntar: – Não está com medo de mim, está?

Ela franziu o cenho.

– Claro que não.

– Então, acompanhe-me.

Ela ignorou o braço estendido de Devon e o encarou com uma expressão cautelosa.

– Devemos chamar seu irmão?

Devon fez que não com a cabeça.

– Ele está cochilando.

– A essa hora do dia? Ele está doente?

– Não, meu irmão tem os mesmos horários de um gato. Longas horas de letargia interrompidas por breves períodos de autoindulgência.

Devon viu os cantos da boca de Kathleen se erguerem em um sorriso relutante.

– Vamos, então – murmurou ela, passando por ele e atravessando o corredor a passos rápidos.

Devon a seguiu sem hesitar.

CAPÍTULO 2

Depois de apenas alguns minutos na companhia de Devon Ravenel, Kathleen não teve mais dúvidas de que todos os rumores que ouvira sobre ele eram verdadeiros. O homem era um idiota egoísta. Um patife repulsivo e rude.

Mas era lindo... isso ela precisava admitir. Embora o moreno não tivesse o mesmo tipo de beleza de Theo, que fora abençoado com feições refinadas e os cabelos dourados de um jovem Apolo, sua boa aparência era arrojada e pouco convencional, temperada com um cinismo que o fazia parecer ter mesmo cada um de seus 28 anos. Kathleen sentia um ligeiro choque cada vez que fitava seus olhos, que eram do azul de um oceano revoltado no inverno, as íris vivas e com as bordas de um azul quase preto. Ele estava bem barbeado, mas ainda assim havia em seu rosto um sombreado que nem a lâmina mais afiada removeria por completo.

Devon Ravenel parecia exatamente o tipo de homem sobre o qual lady Berwick, que criara Kathleen, havia alertado.

– Você vai encontrar muitos homens com segundas intenções, minha querida. Homens sem escrúpulos, que usarão de encanto, mentiras e táticas de sedução para arruinar jovens damas inocentes apenas para o próprio prazer impuro. Quando estiver na companhia de canalhas desse tipo, fuja sem hesitar.

– Mas como vou saber se um homem é canalha? – perguntara Kathleen.

– Pelo brilho doentio no olhar dele e pela sua facilidade de encantar as pessoas. A presença de um homem desses pode causar sensações terríveis. É o tipo de homem que tem algo especial em sua presença física... um certo “espírito animal”, como minha mãe costumava chamar. Compreende, Kathleen?

– Acho que sim – respondera ela, embora na época não houvesse entendido.

Agora, ela sabia exatamente a que tipo de homem lady Berwick se referira. O jovem que caminhava ao lado dela naquele momento tinha um forte espírito animal.

– Pelo que vi até agora, seria mais sensato pôr fogo nesse monte de madeira apodrecida do que tentar consertar as coisas – comentou Devon.

Kathleen arregalou os olhos.

– O Priorado Eversby é uma propriedade histórica. Tem quatrocentos anos.

– Assim como o encanamento, aposto.

– O encanamento funciona a contento – disse ela, na defensiva.

Ele arqueou a sobrancelha.

– A contento o suficiente para me permitir um banho?

Ela hesitou.

– O senhor não poderá tomar um banho de chuveiro.

– De banheira, então? Que maravilha. Em que tipo de banheira moderna vou me afundar esta noite? Em um balde enferrujado?

Para desgosto de Kathleen, ela sentiu a boca estremecer com o esboço de um sorriso, mas conseguiu contê-lo antes de responder com muita dignidade:

– Uma banheira portátil de estanho.

– Não há banheiras de ferro fundido em nenhum dos banheiros?

– Lamento dizer que não há banheiros. A banheira é levada ao seu quarto de vestir e retirada quando o senhor termina.

– Existe água encanada em alguma parte da casa?

– Na cozinha e nos estábulos.

– Mas há privadas dentro de casa, espero.

Kathleen lançou-lhe um olhar de reprovação à menção de um assunto tão íntimo.

– Se a senhora não é delicada demais para treinar cavalos, que não costumam primar pela discrição em relação às funções corporais, com certeza consegue fazer o sacrifício de me contar quantas privadas há na mansão.

Ela ruborizou enquanto se forçava a responder.

– Nenhuma. Apenas urinóis à noite, e uma latrina do lado de fora durante o dia.

Ele a encarou como se não acreditasse, parecendo sinceramente ofendido.

– *Nenhuma*? Houve um tempo em que esta propriedade era uma das mais prósperas da Inglaterra. Por que nunca foi instalado encanamento?

– Theo dizia que, segundo o pai, não havia razão para isso quando eles tinham tantos criados.

– É claro. Que trabalho delicioso, subir e descer as escadas correndo com latas cheias de água. Isso sem falar nos urinóis. Os criados devem ser muito gratos por não os terem privado de tanto prazer.

– Não precisa ser sarcástico – disse Kathleen. – A decisão não foi minha. Eles seguiram por uma trilha em curva, margeada por teixos e pereiras ornamentais, enquanto Devon se mantinha carrancudo.

Uma dupla de cafajestes, fora assim que Theo descrevera Devon e seu irmão mais novo.

“Evitam a alta sociedade e preferem se juntar a pessoas de baixo nível”, dissera Theo. “É fácil encontrá-los em tabernas do East End e em casas de jogos. A educação que receberam foi desperdiçada. Na verdade, Weston abandonou os estudos em Oxford porque não quis ficar lá sem Devon.”

Kathleen deduzira que, embora Theo não tivesse grande apreço pelos primos distantes, guardava um desprezo especial por Devon.

Que estranha reviravolta do destino, o fato de aquele homem vir a ocupar o lugar de Theo.

– Por que se casou com Theo? – Devon a surpreendeu ao perguntar. – Foi por amor?

Kathleen franziu o cenho.

– Prefiro limitar nossa conversa a temas corriqueiros.

– Temas corriqueiros são muito chatos.

– Ainda assim, espera-se que um homem de sua posição cumpra esse decoro.

– Theo cumpria? – perguntou ele, com sarcasmo.

– Sim.

Devon bufou.

– Nunca o vi demonstrar esse talento. Talvez eu não percebesse por estar sempre muito ocupado me esquivando dos socos dele.

– Pode-se dizer que o senhor e Theo não instigavam o que havia de melhor um no outro.

– Não mesmo. Tínhamos defeitos parecidos demais. – O tom de Devon foi mais zombeteiro quando ele acrescentou: – E parece que não tenho nenhuma das virtudes dele.

Kathleen permaneceu em silêncio e deixou o olhar se perder em uma profusão de hortênsias brancas, gerânios e caules altos de uma flor chamada penstêmon. Antes do casamento, ela achava que sabia tudo sobre os defeitos e virtudes de Theo. Durante os seis meses transcorridos desde que começara a corte entre eles até o noivado, os dois haviam comparecido a bailes e festas e saído para passear juntos de carruagem e a cava-

lo. Theo fora de um encanto ilimitado. Embora tivesse sido alertada por amigos sobre o temperamento abominável dos Ravenels, estava muito apaixonada para ouvir. Além disso, as restrições naturais do período de corte e noivado – estavam sempre acompanhados e tinham um número de saídas limitado – impediram que ela percebesse a verdadeira natureza de Theo. Só quando já fosse tarde demais, Kathleen descobriria um fato crucial da vida: só se conhece verdadeiramente um homem quando se convive com ele.

– Fale-me sobre as irmãs dele – continuou Devon. – Pelo que me lembro, são três. Todas solteiras?

– Sim, milorde.

A filha mais velha dos Ravenels, Helen, tinha 21 anos; as gêmeas, Cassandra e Pandora, 19. Nem Theo nem o pai haviam mencionado as moças em seus testamentos. Atrair um pretendente adequado não era tarefa fácil para uma jovem de sangue azul sem dote, e o novo conde não tinha obrigação legal de sustentá-las.

– Alguma das moças já debutou? – perguntou ele.

Kathleen fez que não com a cabeça.

– Elas passaram praticamente os últimos quatro anos de luto. A mãe foi a primeira a falecer, e depois, o conde. Este ano elas iriam debutar, mas agora...

Devon parou ao lado de um canteiro de flores, obrigando-a a parar também.

– Três damas de berço solteiras, sem renda própria e sem dote, despreparadas para assumir qualquer emprego e aristocráticas demais para se casar com plebeus. E, depois de passarem anos isoladas no campo, provavelmente são tão desinteressantes quanto mingau.

– Elas não são desinteressantes. Na verdade...

Kathleen foi interrompida por um grito agudo.

– *Socorro!* Estou sendo atacada por bestas cruéis! Tenham piedade, seus vira-latas selvagens!

A voz era feminina e jovem, com um tom alarmante muito convincente.

No mesmo instante, Devon saiu correndo pela trilha e passou pelo portão aberto de um jardim murado. Uma moça de vestido preto rolava em um trecho de relva margeado por flores, enquanto uma dupla de cães spaniel pretos pulava sem parar em cima dela. A velocidade dos passos de Devon diminuiu quando os gritos da jovem se transformaram em um ataque de riso.

Quando o alcançou, Kathleen disse, ofegante:

– As gêmeas estão só brincando.

– Maldição! – resmungou Devon, parando e se virando para o outro lado.

– *Para trás*, cães ordinários! – gritou Cassandra, imitando a voz de um pirata e atacando e recuando com um galho na mão, como se fosse uma espada. – Senão, arrancarei suas peles inúteis e as atirarei aos tubarões! – Ela quebrou o galho ao meio batendo-o com precisão no joelho. – Vão pegar, seus esfregões! – bradou a jovem, e jogou os pedaços do galho no outro extremo do gramado.

Os cães saíram em disparada para pegá-los, latindo alegres.

A menina na relva, Pandora, se apoiou nos cotovelos e protegeu os olhos com a mão sem luva quando viu os visitantes.

– Olá, marinheiros de primeira viagem – cumprimentou ela, com animação.

Nenhuma das duas usava touca ou luva. O punho de uma das mangas do vestido de Pandora não existia, e um babado rasgado pendia na frente da saia de Cassandra.

– Meninas, onde estão seus véus? – perguntou Kathleen em tom de repreensão.

Pandora afastou uma mecha de cabelo dos olhos.

– Transformei os meus em uma rede de pescar, e estamos usando o de Cassandra para lavar frutas silvestres.

As gêmeas eram tão estonteantes com seus membros longos e graciosos, a luz do sol dançando sobre os cabelos desalinados, que parecia perfeitamente razoável que tivessem sido batizadas em homenagem a deusas gregas. Havia algo ingovernável nelas, uma alegria indômita naquele desleixo de faces rosadas.

Cassandra e Pandora viviam afastadas do mundo por tempo demais. Secretamente, Kathleen achava lamentável que o afeto de lorde e lady Trenear houvesse se concentrado quase exclusivamente em Theo, o único filho homem, cujo nascimento assegurou o futuro da família e do condado. Na esperança de terem um segundo filho homem, o casal viu a chegada de duas filhas mulheres como nada menos que um absoluto desastre. Foi fácil para os pais desapontados não prestarem atenção em Helen, que era tranquila e obediente. As gêmeas indisciplinadas foram deixadas por sua própria conta.

Kathleen foi até Pandora e a ajudou a se levantar. E se empenhou em limpar as folhas de árvores e de relva coladas às saias da menina.

– Querida, lembrei a vocês ainda hoje de manhã que receberíamos visitas. – Ela espanou, sem sucesso, um amontoado de pelos de cachorro. – Eu esperava que fossem encontrar alguma ocupação tranquila, como ler, por exemplo...

– Já lemos todos os livros da biblioteca – anunciou Pandora. – Três vezes.

Cassandra se aproximou de Devon e Kathleen com os cães latindo em seus calcanhares.

– O senhor é o conde? – perguntou ela a Devon.

Ele se abaixou para acariciar os cães, depois voltou a se erguer para encarar a jovem com seriedade.

– Sim. Minhas condolências. Não há palavras que expressem quanto eu gostaria que seu irmão ainda estivesse vivo.

– Pobre Theo – falou Pandora. – Sempre imprudente, mas nunca sofreu consequência alguma. Todas o achávamos invencível.

Cassandra acrescentou, pensativa:

– Theo achava o mesmo.

– Milorde – intercedeu Kathleen –, gostaria de lhe apresentar lady Cassandra e lady Pandora.

Devon observou as gêmeas: pareciam uma dupla de fadas mal-arrumadas. Cassandra era, provavelmente, a mais bela das duas, com cabelos dourados, grandes olhos azuis e a boca em forma de arco de cupido. Pandora era um tanto diferente, mais esguia, com cabelos castanho-escuros e um rosto mais anguloso.

Enquanto os spaniels pretos saltitavam e corriam ao redor delas, Pandora se dirigiu a Devon:

– Nunca o vi antes.

– Na verdade, viu, sim – retrucou ele. – Em uma reunião de família em Norfolk. Você era pequena demais, por isso não lembra.

– O senhor era próximo de Theo? – perguntou Cassandra.

– Um pouco.

– Gostava dele? – quis saber a jovem, pegando Devon de surpresa.

– Lamento, mas não – respondeu ele. – Nós brigamos em mais de uma ocasião.

– É o que os meninos fazem – declarou Pandora.

– Só os valentões e tolos – explicou Cassandra à irmã. Quando se deu conta de que acabara insultando Devon, ela o encarou com uma expressão inocente. – Menos o *senhor*, milorde.

Devon abriu um sorriso relaxado.

– No meu caso, temo que a descrição seja bem precisa.

– O temperamento dos Ravenels – pontuou Pandora, assentindo com uma expressão sábia e sussurrando de forma teatral: – Também o temos.

– Nossa irmã mais velha, Helen, foi a única que não herdou esse temperamento – acrescentou Cassandra.

– Nada a tira do sério – confirmou Pandora. – Tentamos bastante, mas nunca funciona.

– Milorde – disse Kathleen –, vamos seguir até as estufas?

– É claro.

– Podemos ir também? – perguntou Cassandra.

– Não, querida, acho melhor que entrem para trocar de roupa e se recompor.

– Vai ser ótimo ter gente nova no jantar! – exclamou Pandora. – Ainda mais alguém que acabou de chegar da cidade. Quero saber tudo sobre Londres.

Devon olhou com ar inquisitivo para Kathleen.

Ela respondeu diretamente às gêmeas:

– Já expliquei a lorde Trenear que estamos de luto fechado, vamos jantar separadamente.

A declaração foi recebida com uma onda de protestos.

– Mas Kathleen, tem sido tão tedioso não receber visitas...

– Vamos nos comportar, prometo...

– Eles são nossos primos!

– Que mal faria?

Kathleen sentiu uma pontada de arrependimento, pois sabia que as moças estavam ansiosas por algum tipo de diversão. No entanto, aquele era o homem que tinha a intenção de expulsá-las da única casa que já haviam conhecido. E o irmão dele, ao que tudo indicava, já estava meio bêbado. Uma dupla de patifes não era companhia adequada para meninas inocentes, em especial quando não se podia confiar nas próprias meninas para que se comportassem com decoro. Nada de bom poderia sair daquilo.

– Temo que não seja possível – disse Kathleen com firmeza. – Vamos deixar que o conde e seu irmão jantem em paz.

– Mas Kathleen – implorou Cassandra –, faz tanto tempo que não nos divertimos!

– É claro que faz – retrucou Kathleen, enrijecendo por dentro para suportar a pontada de culpa. – Não se espera que pessoas de luto se divirtam.

As gêmeas ficaram em silêncio, encarando-a, carrancudas.

Devon quebrou a tensão perguntando casualmente a Cassandra:

– Permissão para desembarcar, capitão?

– Sim, o senhor e a rapariga podem descer pela prancha – respondeu, ainda emburrada.

Kathleen franziu o cenho.

– Agradeço se não se referir a mim como rapariga, Cassandra.

– É melhor do que “rato de porão” – retrucou Pandora, mal-humorada.

– Que é o termo que *eu* teria usado.

Depois de lançar um olhar severo para a menina, Kathleen voltou para a trilha de cascalhos, com Devon ao lado.

– E então? – perguntou ela, depois de um momento. – Não vai me criticar?

– Não consigo pensar em nada além de “rato de porão”.

Kathleen não conseguiu conter um sorriso triste.

– Admito que não parece justo exigir que duas jovens espevitadas enfrentem mais um ano de reclusão, quando já passaram por quatro. Não sei como lidar com elas. Ninguém sabe.

– Elas nunca tiveram uma governanta?

– Pelo que entendi, tiveram várias, mas nenhuma durou mais do que alguns meses.

– É tão difícil assim encontrar uma governanta adequada?

– Desconfio que todas fossem perfeitamente capazes. O problema é ensinar bom comportamento a meninas que não têm qualquer motivação para aprender isso.

– E quanto a lady Helen? Também precisa aprender a se comportar?

– Não, ela teve tutores e aulas separadas. E sua natureza é bem mais pacífica.

Eles se aproximaram de uma fileira de quatro estufas divididas em compartimentos que cintilavam à luz do fim de tarde.

– Se as meninas desejam brincar ao ar livre em vez de ficar sentadas em uma casa triste, não vejo nada de mau nisso. A propósito, por que pendurar panos pretos nas janelas? Por que não tirá-los e deixar o sol entrar? – comentou Devon.

Kathleen meneou a cabeça.

- Seria escandaloso remover os tecidos de luto tão cedo.
- Mesmo aqui?
- Hampshire dificilmente poderia ser descrito como o último refúgio da civilização, milorde.
- Ainda assim, quem faria objeção?
- Eu faria. Não poderia desonrar a memória de Theo dessa forma.
- Pelo amor de Deus, ele não vai saber. Não ajuda ninguém, nem mesmo a meu falecido primo, que uma casa inteira viva na penumbra. Não consigo conceber que ele fosse querer isso.
- O senhor não o conheceu bem o bastante para julgar o que ele teria desejado – retorquiu Kathleen. – Além disso, as regras não podem ser deixadas de lado.
- Mas e se as regras não servirem? E se fizerem mais mal do que bem?
- Só porque o *senhor* não entende ou não aceita alguma coisa, não significa que falte mérito a isso.
- Concordo. Mas a senhora não pode negar que algumas tradições foram inventadas por idiotas.
- Não quero discutir isso – falou Kathleen, acelerando o passo.
- Duelar, por exemplo – continuou Devon, acompanhando o ritmo dela com facilidade. – Fazer sacrifício humano. Ter várias esposas... tenho certeza de que lamenta termos deixado de seguir essa tradição.
- Imagino que o senhor teria dez esposas se pudesse.
- Uma já me faria infeliz. As outras nove seriam redundantes. Ela o encarou incrédula.
- Milorde, sou uma *viúva*. Não tem noção de como manter uma conversa apropriada com uma mulher na minha condição?
- Ao que parecia, não, a julgar pela expressão dele.
- O que se conversa com viúvas?
- Nenhum assunto que possa ser considerado triste, ofensivo ou de humor inapropriado.
- Assim fico sem assunto.
- Graças a Deus – disse ela com ardor, e Devon sorriu com ironia. Ele enfiou as mãos nos bolsos da calça e deu uma olhada ao redor.
- Quantos hectares tem o jardim?
- Oito, aproximadamente.
- E as estufas, o que contêm?

– Um laranjal, uma parreira, espaços para pessegueiros, palmeiras, samambaias e flores... e esta é para orquídeas.

Kathleen abriu a porta da primeira estufa, e Devon entrou com ela.

Eles foram envolvidos por aromas de baunilha e cítricos. A mãe de Theo, Jane, alimentara a paixão que tinha por flores exóticas cultivando orquídeas raras vindas de diversos lugares do mundo. A estufa era mantida o ano todo em uma temperatura de meados do verão por uma caldeira que ficava em um cômodo adjacente.

Assim que eles entraram, Kathleen viu a figura esguia de Helen entre as fileiras paralelas de flores. Desde que a mãe, a condessa, falecera, Helen tomara para si a tarefa de cuidar das 200 orquídeas em vasos. Era tão difícil discernir do que necessitava cada uma daquelas delicadas plantas que apenas alguns poucos da equipe de jardineiros tinham permissão para ajudar ali.

Ao ver os visitantes chegando, Helen levou a mão ao véu, que estava para trás, voltando a cobrir o rosto.

– Não se dê ao trabalho – disse Kathleen, em tom sarcástico. – Lorde Trenear se declarou contra os véus de luto.

Sensível às preferências dos outros, Helen soltou o véu na mesma hora. Ela se afastou de uma pequena chaleira com água e foi até Kathleen e Devon. Embora não tivesse a beleza robusta e banhada de sol das irmãs mais novas, Helen era atraente a seu modo, como o brilho frio do luar. Sua pele era muito clara, e os cabelos tinham o tom mais claro de louro.

Kathleen achava interessante que lorde e lady Trenear houvessem batizado três filhos com nomes da mitologia grega e que Helen fosse a única à qual deram o nome de uma mortal.

– Perdoe-me por interromper seu trabalho – disse Devon a Helen, depois que foram apresentados.

A jovem deu um sorriso hesitante.

– Não se desculpe, milorde. Estou apenas examinando as orquídeas para que não lhes falte nada.

– Como pode saber o que lhes falta? – perguntou ele.

– Vejo a cor das folhas, a condição das pétalas. Procuo por sinais de pulgões ou de alguma outra praga e tento me lembrar de quais variedades preferem o solo mais úmido e quais gostam dele mais seco.

– Pode mostrá-las para mim? – pediu Devon.

Helen assentiu e o guiou ao longo das fileiras, apontando para cada espécie.

– Todas são da coleção de minha mãe. Uma de suas favoritas era a *Peristeria elata*. – A jovem mostrou a Devon uma planta com flores de um branco marmorizado. – A parte central da flor lembra uma pomba minúscula, está vendo? E esta é a *Dendrobium aemulum*. É chamada de orquídea-pena, por causa do formato das pétalas. – Com uma expressão travessa mas ao mesmo tempo tímida, Helen olhou de relance para Kathleen e declarou: – Minha cunhada não é apreciadora de orquídeas.

– Eu as desprezo – confirmou Kathleen, franzindo o nariz. – Flores exigentes e mesquinhas, que demoram uma eternidade para desabrochar. E algumas cheiram a bota velha ou a carne rançosa.

– Não são as minhas favoritas – admitiu Helen. – Mas tenho esperanças de vir a amá-las um dia. Às vezes é preciso amar algo antes que ele se torne digno de amor.

– Discordo – objetou Kathleen. – Não importa quanto você se force a amar aquela branca inchada lá no canto...

– *Dressleria* – disse Helen, vindo em auxílio da cunhada.

– Isso. Mesmo se você amá-la loucamente, ela continuará com cheiro de bota velha.

Helen sorriu e continuou a guiar Devon pela fileira onde estavam, explicando que a temperatura da estufa era mantida estável graças à caldeira no cômodo adjacente e a um tanque que captava água da chuva.

Quando notou o olhar avaliador de Devon percorrendo o corpo de Helen, Kathleen sentiu os pelos da nuca se arrepiarem de forma desconfortável. Ele e o irmão, West, pareciam ser exatamente como os patifes amorais dos antigos folhetins sobre a aristocracia: encantadores por fora, traiçoeiros e cruéis por dentro. Quanto mais rápido Kathleen conseguisse tirar as irmãs Ravenels da propriedade, melhor.

Ela já decidira usar a renda vitalícia que receberia como viúva para levar as três moças embora do Priorado Eversby. Não era uma grande soma, mas bastaria para sustentá-las se fosse complementada com ganhos provenientes de ocupações que serviam à aristocracia, tais como a de costureira. Encontraria um pequeno chalé onde todas pudessem viver, ou talvez alguns cômodos para alugar em uma casa.

Não importavam as dificuldades que tivessem de enfrentar, qualquer coisa seria melhor do que deixar três jovens indefesas à mercê de Devon Ravenel.

CONHEÇA OUTROS LIVROS DE LISA KLEYPAS

OS HATHAWAYS

Desejo à meia-noite
Sedução ao amanhecer
Tentação ao pôr do sol
Manhã de núpcias
Paixão ao entardecer
Casamento Hathaway (e-book)

AS QUATRO ESTAÇÕES DO AMOR

Segredos de uma noite de verão
Era uma vez no outono
Pecados no inverno
Escândalos na primavera
Uma noite inesquecível

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

